



## Colonialismo, exclusão, repressão – a literatura e os Direitos Humanos

O historiador Eric Hobsbawm utilizou a expressão “era dos extremos” para qualificar o período cronológico situado entre o início da guerra de 1914 e o final da União Soviética, em 1991. Mas aquela denominação dá conta também de uma época marcada por catástrofes, genocídios e crises econômicas, que explicam a destruição de populações na Europa do Holocausto e no Japão da bomba atômica.

É também nesse período, e logo após a rendição das forças do Eixo, que os países, congregando vencedores e vencidos, decidem fundar uma instituição capaz de garantir a paz mundial – a Organização das Nações Unidas (ONU). O papel mediador dessa entidade não tem sido suficiente para evitar os conflitos, nem ao menos para minorá-los na proporção desejada. Por outro lado, não se manteve indiferente a eles, estimulando ações que evitassem o acirramento dos conflitos armados, agudizassem as desigualdades, inflamassem preconceitos étnicos e religiosos, dizimassem grupos minoritários. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada na Assembleia Geral em dezembro de 1948, é um dos documentos emanados da ONU que buscam aprofundar aqueles objetivos. Proclamando que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em direitos”, a Declaração procura assegurar que não se estabeleça “distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição”.

A prática desses princípios não tem sido matéria pacífica na nossa “era dos extremos”: a persistência do colonialismo e do racismo, a censura, a perseguição a dissidentes e às minorias – eis um conjunto de ações que afetam a execução de uma política comprometida com os direitos humanos, o exercício da justiça, a aceitação da liberdade do outro e o reconhecimento das diferenças.

Contudo, mesmo em contextos de repressão, exclusão e intolerância, a literatura não deixou de fazer a sua parte enquanto testemunho, protesto e reivindicação. Os artigos que compõem este volume de *Nau Literária* atestam o posicionamento iluminista de escritores e escritoras que, no passado e no presente, evidenciam sua inconformidade e o anseio à transformação, visando o fim dos extremismos e a satisfação das pessoas e do mundo de que fazem parte.

Regina Zilberman, organizadora

E-mail: [regina.zilberman@gmail.com](mailto:regina.zilberman@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-0834-214X